

1

A clareira

1

Este é um livro sobre um lobo chamado Brenin. Durante mais de uma década — a maior parte dos anos 1990 e uma parte dos 2000 — vivemos juntos. Em decorrência de ter partilhado a vida de um intelectual desenraizado e irrequieto, ele se tornou um lobo extraordinariamente viajado, tendo vivido nos Estados Unidos, Irlanda, Inglaterra e, por fim, França. Também se beneficiou, quase sempre a contragosto, de mais ensino universitário gratuito do que qualquer outro lobo que tenha existido. Eu não podia deixá-lo sozinho, como veremos, sob pena de minha casa e meus haveres sofrerem graves consequências. Portanto, eu tinha que levá-lo para o trabalho, junto comigo; e como eu era professor de filosofia, isto significava levá-lo para minhas aulas. Ele ficava deitado, cochilando em um canto da sala — como a maioria dos alunos, na verdade —, enquanto eu discorria sobre alguma filosofia ou filósofo. Às vezes, quando as aulas se tornavam particularmente tediosas, ele se levantava e uivava — hábito que lhe granjeou a simpatia dos alunos, pois provavelmente gostariam de fazer o mesmo.

Este é também um livro sobre o significado da condição humana — não como entidade biológica, mas como criatura capaz de fazer coisas que nenhuma outra faz. Nas histórias que contamos sobre nós mesmos, nossa singularidade é um refrão comum. Segundo algumas

peçoas, ela decorre de nossa habilidade em criar civilizações, de modo a nos protegermos da natureza sanguinária. Outros apontam para o fato de que somos as únicas criaturas que conseguem entender a diferença entre o bem e o mal e, portanto, as únicas capazes de ser boas ou más. Alguns dizem que somos únicos porque raciocinamos; os únicos animais racionais em um mundo de bichos irracionais. Outros pensam que o uso da linguagem é o que nos separa decisivamente dos animais irracionais. Alguns acham que somos únicos por termos livre-arbítrio. Outros entendem que nossa singularidade reside no fato de que somente nós somos capazes de amar. Alguns dizem que somente nós somos capazes de compreender a natureza e os fundamentos da verdadeira felicidade. Outros acham que somos únicos porque só nós podemos entender que iremos morrer.

Não acredito em nenhuma dessas histórias como explicação para um grande abismo que existiria entre nós e outras criaturas. Algumas das coisas que achamos que elas não podem fazer, elas podem. E algumas das coisas que achamos que podemos fazer, não podemos. Quanto ao restante, bem, é mais uma questão de grau do que de tipo. Nossa singularidade reside simplesmente no fato de que contamos essas histórias — e mais: podemos nos induzir a acreditar nelas. Se eu quisesse definir em uma frase os seres humanos, esta serviria: os seres humanos são animais que acreditam nas histórias que contam sobre si mesmos. Os seres humanos são animais crédulos.

Nesta época de trevas, não é preciso enfatizar que as histórias que contamos sobre nós mesmos podem ser as maiores culpadas pelas divisões entre um ser humano e outro. A distância entre a credulidade e a hostilidade pode ser curta. Entretanto, não estou preocupado com as histórias que contamos para nos diferenciarmos uns dos outros, mas com as que contamos para nos distinguirmos dos outros animais: aquelas que contamos sobre o que nos torna humanos. Cada história tem o que podemos chamar de lado obscuro; uma sombra. Esta sombra está por trás do que a história conta; e é onde você vai encontrar o que a história realmente mostra. E se revela, pelo menos, de dois modos. Em primeiro lugar, o que a história mostra é muitas vezes uma profunda e pouco lisonjeira — até mesmo perturbadora — faceta da natureza

humana. Em segundo, o que a história mostra é muitas vezes difícil de enxergar. Os dois modos não são excludentes. Nós, humanos, temos uma acentuada facilidade para ignorar aspectos de nós mesmos que consideramos desagradáveis. E isto se aplica às histórias que contamos para nos explicarmos a nós mesmos.

O lobo é, evidentemente, o tradicional representante do lado sombrio da humanidade, embora a escolha seja injusta. Isso é irônico, de várias formas — inclusive etimologicamente. A palavra grega para lobo é *lukos*, tão próxima à palavra que designa luz, *leukos*, que ambas são frequentemente associadas. É possível que esta ligação seja simplesmente o resultado de erros de tradução; ou talvez haja uma conexão etimológica mais profunda entre as duas palavras. Seja lá como for, Apolo era considerado o deus do sol e dos lobos. Neste livro, é a conexão entre o lobo e a luz que tem importância. Pense no lobo como uma clareira na floresta. Nas entranhas da floresta, pode estar escuro demais para ver as árvores. A clareira é o lugar que permite a revelação do que está oculto. O lobo, tentarei demonstrar, é a clareira da alma humana. O lobo revela o que está escondido nas histórias que contamos a nós mesmos — o que elas mostram, mas não dizem.

Estamos à sombra do lobo. Alguma coisa pode projetar uma sombra de duas formas: bloqueando a luz ou sendo a fonte de luz que outras coisas bloqueiam. Podemos falar das sombras projetadas por um homem e das projetadas por uma fogueira. Quando falo na sombra do lobo, não me refiro à sombra projetada pelo próprio lobo, mas às sombras que projetamos a partir da luz emitida pelo lobo. E nessas sombras, olhando para nós, está exatamente o que não queremos saber sobre nós mesmos.

2

Brenin morreu há alguns anos. Ainda me surpreendo pensando nele todos os dias. Para alguns, isso pode parecer um exagero: ele era apenas um animal, afinal de contas. Entretanto, apesar de atualmente estar vivendo a melhor fase da minha vida, sob todos os aspectos, creio que

me tornei menor. É difícil explicar o motivo e, por muito tempo, eu mesmo não o compreendia. Agora acho que compreendo — Brenin me ensinou uma coisa que minha longa educação formal não me ensinou nem poderia ter me ensinado. É uma lição difícil de conservar na memória, agora que ele se foi. O tempo cura tudo, mas faz isso apagando coisas. Este livro é uma tentativa de registrar a lição, antes que ela se apague.

Há uma lenda que narra uma escolha que a nação iroquesa foi obrigada a fazer. A lenda é contada de várias formas. Esta é a mais simples. Certa vez, convocou-se um conselho para decidir em que local as tribos deveriam caçar na próxima estação. O conselho não sabia, entretanto, que o lugar que acabou escolhendo era habitado por lobos. Consequentemente, os iroqueses ficaram expostos a repetidos ataques de lobos e isto começou a reduzir sua população. Eles tiveram, então, que fazer uma escolha: mudar-se para outro lugar ou matar os lobos. A última opção, perceberam eles, iria degradá-los. Passariam a ser um tipo de gente que não gostariam de ser. Então se mudaram. Para evitar a repetição do erro anterior, decidiram que, nas futuras reuniões do conselho, alguém deveria ser designado para representar os lobos. Seria convidado a dar sua opinião com a pergunta: “Quem fala pelo lobo?”

Esta é a versão iroquesa da lenda, é claro. Se houvesse uma versão dos lobos, tenho certeza de que seria diferente. Mas há uma verdade nela. Vou tentar demonstrar que, na maior parte do tempo, todos nós temos a alma de um primata. Não vou empregar muito a palavra “alma”. Quando digo “alma”, não me refiro a alguma imortal e incorruptível parte de nós, que sobrevive à morte de nossos corpos. A alma pode ser isso, mas eu duvido. Talvez seja apenas a mente, e a mente, simplesmente o cérebro. Mas também duvido disso. Neste exato momento, enquanto estou usando a palavra, a alma dos seres humanos está sendo revelada nas histórias que eles contam sobre si mesmos: histórias de como são únicos; histórias em que nós, humanos, realmente nos condicionamos a acreditar, a despeito de todos os indícios contra elas. Estas histórias, tentarei argumentar, são contadas por primatas: têm uma estrutura, um tema e um reconhecível conteúdo símio.

Estou usando o primata como metáfora, aqui, para explicar uma tendência que existe em todos nós — em menor ou maior grau. Nesse sentido, alguns seres humanos são mais primatas do que outros. Na verdade, alguns primatas são mais primatas do que outros. O “primata” é a tendência a compreender o mundo em termos instrumentais: o valor de todas as coisas é aferido pela utilidade que elas têm para o primata. O primata é a tendência a ver a vida como um processo de avaliar probabilidades e computar possibilidades, para usar os resultados desses cálculos em benefício próprio. O primata aplica esse princípio a outros primatas e, até mais, ao resto do mundo natural. O primata é a tendência a ter não amigos, mas aliados. O primata não vê os outros primatas; observa-os. Enquanto isso, aguarda sua oportunidade de obter vantagem. Estar vivo, para o primata, é esperar o momento de atacar. O primata é a tendência a basear os relacionamentos em um só princípio, invariável e inflexível: o que você pode fazer por mim e quanto isso vai me custar? Esta visão dos outros primatas, inevitavelmente, volta-se contra si mesma, contagiando e determinando a visão que o primata tem de si mesmo. Assim, ele pensa na felicidade como alguma coisa que pode ser medida, pesada, quantificada e calculada. Pensa no amor da mesma maneira. O primata é a tendência a pensar que as coisas mais importantes da vida decorrem de uma análise de custos e benefícios.

Devo reiterar que isso é uma metáfora que uso para descrever uma tendência humana. Todos conhecemos pessoas assim. Encontramos com elas no trabalho e no lazer; nos sentamos à sua frente em reuniões e mesas de restaurante. Tais pessoas são apenas exageros do tipo humano básico. Mas acredito que, em nossa maioria, somos mais parecidos com elas do que percebemos ou gostaríamos de admitir. Por que descrevo essa tendência como símia? Porque os seres humanos não constituem o único tipo de primata que pode sofrer e se deliciar com a gama de emoções humanas. Como veremos, outros primatas podem sentir amor; podem sentir uma tristeza tão intensa que morrem dela. Podem ter amigos, não apenas aliados. No entanto, a tendência de que falo é símia no sentido de ser concretizada por primatas; mais precisamente, por um tipo de desenvolvimento cognitivo ocorrido com os primatas e,

tanto quanto sabemos, com nenhum outro animal: a tendência a ver o mundo e seus habitantes em termos de custo-benefício; pensar na vida e nas coisas importantes que nela acontecem como coisas que podem ser quantificadas e calculadas. Essa tendência só é possível porque existem primatas. E, dentre todos os tipos de primatas, a expressão máxima dessa tendência somos nós. Mas há também uma parte de nossa alma que já existia muito antes de nos tornarmos primatas — antes que a tendência nos aprisionasse — e está oculta nas histórias que contamos a respeito de nós mesmos. Mas pode ser revelada.

A evolução se concretiza por acréscimos graduais. Na evolução, não existe *tabula rasa*, nenhuma lousa vazia: ela só trabalha com o que existe e nunca retorna à prancheta de desenho. Para usar um exemplo conhecido: os traços grotescos do linguado — em que um dos olhos foi, em essência, puxado para o outro lado — são uma indicação de que as pressões evolucionárias que levaram um peixe a se especializar em viver colado ao fundo do mar atuaram sobre um peixe que, originariamente, desenvolveu-se para outras finalidades e, portanto, tinha olhos localizados nas superfícies laterais, em vez de nas superfícies dorsais. Da mesma forma, no desenvolvimento dos seres humanos, a evolução foi obrigada a trabalhar com o que existia. Nossos cérebros são, essencialmente, estruturas históricas: foi sobre as fundações de um primitivo sistema límbico — que compartilhamos com nossos ancestrais reptilianos — que o córtex dos mamíferos — sobretudo na poderosa versão dos seres humanos — foi moldado.

Não quero sugerir que as histórias que contamos sobre nós mesmos, e nas quais acreditamos, sejam produtos evolucionários, como os olhos do linguado e o cérebro dos mamíferos. Entretanto, acho que foram construídas de forma similar: mediante acréscimos graduais, em que novas camadas de narrativa são sobrepostas a velhas estruturas e velhos temas. Não há uma lousa vazia para as histórias que contamos sobre nós mesmos. Vou tentar demonstrar que, se procurarmos bem, e se soubermos onde olhar, iremos encontrar um lobo em todas as histórias contadas pelos primatas. E o lobo nos diz — esta é sua função na história — que os valores do primata são obtusos e inúteis. Ele nos diz que as coisas mais importantes da vida nunca são uma questão de

cálculo. Ele nos lembra de que as coisas de real valor não podem ser quantificadas ou negociadas. Ele nos lembra de que, às vezes, devemos fazer o que é certo, sem medo das consequências.

Somos todos, creio, mais primatas do que lobos. Em muitos de nós, o lobo foi quase completamente excluído da narrativa de nossas vidas. Mas é arriscado permitir que ele morra. No final, os ardis do primata resultam em nada; sua esperteza o trai e a sorte símia termina. É quando descobrimos o que é mais importante na vida. E não é o que nossos ardis, esperteza e sorte nos trouxeram; é o que sobra quando tudo isso nos abandonou. Somos muitas coisas. Mas nossa parte mais importante não é a que se deleita com nossa esperteza; é a que sobra quando toda a esperteza nos deixa às portas da morte. A parte mais importante não é a que se beneficia de nossa sorte; é a que resta quando a sorte nos abandona. No final, o primata sempre vai nos deixar na mão. A pergunta mais importante que podemos fazer a nós mesmos é: quando isso acontecer, quem é a pessoa que vai restar?

Demorou muito tempo, mas acho que entendi por que amava tanto Brenin e sinto tantas saudades dele, agora que ele se foi. Ele me ensinou alguma coisa que minha longa educação formal não conseguiu: em algum recanto ancestral de minha alma, ainda vive um lobo.

Às vezes é necessário deixar que o lobo dentro de nós se manifeste; silenciar a tagarelice incessante do primata. Este livro é uma tentativa de falar pelo lobo do único modo possível.

3

“Do único modo possível” ficou bastante diferente do que eu havia planejado. Levei bastante tempo para escrever este livro. De uma forma ou de outra, trabalhei nele durante quase 15 anos. Isso porque me custou muito formular os pensamentos que contém. Às vezes, as engrenagens giram devagar. Este livro nasceu de minha convivência com um lobo; mas ainda guardo uma sensação, muito palpável, de que ainda não compreendi inteiramente o que ele é.

A clareira

Em certo sentido, é autobiográfico. Todos os acontecimentos descritos aqui aconteceram comigo. Por outro lado, não se trata de uma autobiografia; pelo menos, não uma boa biografia. Se há um protagonista no livro, é claro que não sou eu. Sou apenas um figurante tropeçando no fundo do cenário. Boas autobiografias são ricamente povoadas com outras pessoas. Mas o que chama a atenção, neste livro, é a ausência de outras pessoas. Você poderá encontrar espectros de outras pessoas, mas isso é tudo. Para proteger a privacidade desses espectros, pois não sei se ficariam entusiasmados em aparecer, mudei seus nomes. E quando há outras coisas que desejo resguardar, abstenho-me de citar locais e períodos. Boas autobiografias são também detalhadas e abrangentes. Aqui, entretanto, os detalhes são esparsos e as lembranças, seletivas. O livro é conduzido pelo que aprendi em minha vida com Brenin, e eu o organizei em torno dessas lições. Com essa finalidade, enfoquei principalmente os acontecimentos relacionados aos pensamentos que eu queria desenvolver. Outros episódios, alguns significativos, foram ignorados e logo se perderão no tempo. Quando detalhes específicos sobre acontecimentos, pessoas e cronologia ameaçaram sobrepujar os pensamentos que eu desejava desenvolver, excluí-os sem piedade.

Se esta acabou não sendo a minha história, também não é, de fato, a história de Brenin. Claro, o livro foi desenvolvido em torno de diversos fatos que ocorreram em nossa vida juntos. Mas raramente procuro entender o que se passa na mente dele durante esses acontecimentos. Apesar de ter vivido com ele por mais de uma década, não sei se tenho competência para fazer tais julgamentos, exceto nos casos mais simples. E muitos dos fatos que descrevo — e dos assuntos que discuto através deles — não são simples. Brenin aparece neste livro — acredito firmemente — como uma presença concreta e reflexiva. Mas aparece também de modo bem diferente: como um símbolo, ou uma metáfora, de um aspecto meu que, talvez, não exista mais. Assim, surpreendo-me às vezes escorregando em uma conversa metafórica a respeito do que o lobo “sabe”. Se isso fosse tomado como especulação empírica sobre o verdadeiro conteúdo da mente de Brenin, tais alegações seriam ridiculamente antropomórficas. Mas lhes asseguro que elas não têm esse objetivo. Da mesma forma, quando falo sobre as lições que aprendi

com Brenin, estas são experiências viscerais e fundamentalmente não cognitivas. Não as aprendi estudando Brenin, mas com o fato de termos percorrido juntos os caminhos de nossas vidas. E só compreendi muitas das lições depois que ele se foi.

Este livro também não constitui um tratado de filosofia, pelo menos não no sentido específico em que fui treinado, e que seria aprovado por meus colegas de profissão. Existem argumentações. Mas não há nenhuma progressão de premissas até conclusões. Pelo contrário, fiquei impressionado com a sobreposição de discussões neste livro. Fiquei impressionado ao notar que um assunto que eu supunha resolvido em um capítulo teimava em reaparecer mais tarde, sob nova forma. Isso, ao que parece, faz parte da natureza de uma investigação. A vida raramente permite uma resolução por completo.

Os pensamentos que guiam este livro são meus; entretanto, em um sentido importante, não são meus. Não porque sejam de outra pessoa — embora se possa distinguir com clareza a influência de pensadores como Nietzsche, Heidegger, Camus, Kundera e o falecido Richard Taylor. Mas porque — e mais uma vez tenho que recorrer a uma metáfora — creio que há certos pensamentos que só podem emergir no espaço que existe entre um lobo e um homem.

Em nossos primeiros tempos, Brenin e eu costumávamos tirar algumas semanas de férias em Little River Canyon, na extremidade nordeste do Alabama, onde (ilegalmente) armávamos uma barraca. Passávamos os dias tremendo de frio e uivando para a lua. O *canyon* era estreito e profundo. Era com relutância que o sol abria caminho através das densas folhagens dos carvalhos e das bétulas; e quando passava sobre a escarpa oeste, as sombras se congelavam. Após cerca de uma hora caminhando por uma trilha esquecida, entrávamos na clareira. Se cronometrássemos bem as coisas, o sol estaria dando o beijo de despedida nos lábios do *canyon*, e a luz dourada reverberando no espaço aberto. Então as árvores, antes obscurecidas, avultavam em seu vigoroso esplendor ancestral. A clareira é o espaço que permite que as árvores saiam da escuridão para a luz. Os pensamentos que formam este livro emergiram em um espaço que já não existe, e não teriam sido possíveis — ao menos não para mim — sem este espaço.

A clareira

O lobo deixou de existir e, portanto, o espaço deixou de existir. Quando examino o livro, acho incríveis os pensamentos que contém. Que eu tenha sido o autor deles é uma descoberta estranha para mim. Mas já não são meus pensamentos, porque, embora acredite neles e assegure que são verdadeiros, eu não seria capaz de formulá-los novamente. São os pensamentos da clareira. São os pensamentos que existem no espaço que há entre um homem e um lobo.